

Agostinho da Silva e os Titãs

António Telmo*

Os anos em que vivemos estão marcados por duas manifestações do ser humano aparentemente contraditórias: o titanismo e o infantilismo. Titânicas são as construções em altura das grandes cidades do mundo, os vôos de metal cruzando os espaços, a comunicação das palavras e dos números vencendo enormes distâncias, a multidão inumerável dos automóveis etc., etc.; mas tudo isto assume a forma de brinquedo pelo modo como os telemóveis, a televisão, os computadores, a *internet* se tornam os mais comuns e gozosos entretenimentos dos homens e das mulheres e sobretudo das crianças. Eis depois o futebol, esse gigantesco movimento lúdico que empolga o mundo e que é a própria manifestação do infantilismo. E há disto um sinal evidente: os calções. Aqui há cinquenta anos, só os rapazes os usavam e a primeira vez que punham calças compridas o sentimento que vivia o adolescente era o de ser recebido como *iniciado* na sociedade dos homens.

Esta combinação do titanismo com o infantilismo envia-nos para a profecia de Daniel interpretando os pés de barro do ídolo do sonho de Nabucodonosor como o frágil suporte de toda a construção histórica da humanidade.

O *barro* é, segundo o *Génesis*, a original matéria de onde, pelo sopro de Deus, se formou o primeiro homem, o homem na sua infância; o ferro é o metal que simbolicamente caracteriza a última manifestação do ciclo, na velhice do mundo.

Agostinho da Silva via tudo isto e muito mais. Via-o em íntima claridade, interpretava-o em profundidade. Mas o impressionante é que, perante o espectáculo de um mundo a desfazer-se, em nítida descida para o abismo, continuava a confiar nos homens e nas mulheres que incitava à valentia, ao denodo, à esperança, a crer que só o bem poderia estar no fim e nisso era um aristotélico, porque segundo o sábio grego “a melhor das quatro causas é a final”.

* António Telmo (n. 1927), Professor e Filósofo, tem-se dedicado a estudos de sociologia e simbolismo ao longo de toda a sua vida, sendo um dos continuadores do movimento da *Filosofia Portuguesa* fundado por Álvaro Ribeiro. Viveu no Brasil, onde ensinou na Universidade de Brasília e onde ouviu quotidianamente Agostinho da Silva. Além destas duas grandes figuras, também conviveu com o filósofo José Marinho.

É por este traço, excepcional no nosso tempo, que ele, sendo o filósofo de Portugal e do Brasil, é ao mesmo tempo o filósofo do Mundo. Por ele se distingue das duas posições correntemente tomadas perante a fase que vivemos do evoluir histórico e que são: ou pensar que estamos no culminar do progresso, que atingimos com a tecnologia e com a electrónica o cume do aperfeiçoamento humano; ou considerar que caminhamos para o abismo e que, mais ano menos ano, mais década menos década, estaremos totalmente perdidos.

Agostinho diz as duas ao mesmo tempo, mas, para que o paradoxo se possa sustentar, introduz uma terceira: a de tudo depender da decisão do homem, que pode utilizar a tecnologia e a electrónica para ganhar o ócio, que é o pedaço de liberdade que herdámos do Paraíso. O homem, repete ele muitas vezes, não nasceu para trabalhar, mas para contemplar o Santo Nome de Deus e, contemplando, trazer a divina energia que por esse modo obtém para tudo quanto faça, sinta ou pense. A filosofia poética do autor de *Considerações* (lembremo-nos de que a palavra *considerações* tem no seu seio a palavra *sidério*) é, por um dos seus mais relevantes aspectos, um Manifesto Contra o Trabalho. Uma vez derrotado, deixará um vazio imediatamente preenchido pela actividade poética, se o ensino ordenar o espírito da criança para a realização *do que mais importa*, para a aceitação activa do imprevisível.

Agostinho da Silva vê o perigo. Os computadores podem libertar os humanos do trabalho, mas ao mesmo tempo tornar tudo previsível, como já se começa a ver em meteorologia. Ora, sendo o imprevisível manifestação do Espírito Santo, tornar tudo calculável não será como que um esboço do único pecado imperdoável?

Ele tinha um nome por assim dizer secreto. Chamava-se também George, mas este nome só era usado entre os mais íntimos. Era o nome próprio, o nome inalienável.

Georges (do grego *Gêourgos*) é quem trabalha a Terra, é o grande agricultor do mundo humano. Todavia, não nos deixemos enganar. Agostinho da Silva só valorizava uma espécie de trabalho, aquele que é um paradoxo de si mesmo, em que trabalhar tem por fim libertar do trabalho superando-o infinitamente pela criatividade. É o sentido do que diz em entrevista no *Jornal de Notícias* (17 de Novembro, de 1987):

“Foram Portugal e Espanha – sobretudo Portugal – a darem ao Mundo o conhecimento de si mesmo. Agora lhes conviria e lhes caberia o papel de dar o conhecimento daquilo que é fundamen-

tal nesse Mundo. Toda a gente por ter aquilo a que chamo de ‘vida poética’, no sentido de criadora, em qualquer dos domínios: artes, ciência, filosofia, mística. Isso é possível e deveria fazer-se.”

Hoje, como está à vista e se sofre na pele, lançou-se sobre os humanos uma rede do tempo que os acorrenta ao trabalho, que os escraviza, rede essa que nem espaços entre os fios consente por onde se escape alguém para aquele modo de vida poética. Só em sonho, dormindo, imaginam fazê-lo. Sabemos, porém, que só somos criadores de algo verdadeiro quando estamos lúcidos e bem despertos.

Mais uma vez não nos deixemos enganar confundindo ócio com preguiça e desemprego, o ócio que, segundo Agostinho, é o que ainda nos ficou do Paraíso. Os acorrentados a um dia inteiro de trabalho, a uma vida inteira, a uma eternidade, sempre com ele preocupados porque é donde lhes vem o dinheiro com que possam alimentar-se e vestir-se a si e aos seus, é inevitável que temam o desemprego que os entregaria de novo à miséria e eis o motivo por que o espírito calculador que comanda hoje a humanidade faz com que haja sempre uma bem estudada margem de desemprego para que todos se sintam ameaçados. Assiste-se então a esta enormidade: são os próprios escravos a fazer a apologia daquilo que os escraviza.

Sic transit mundus. Agostinho da Silva vê-o passar como um rio de águas turbulentas que ignore o mar que o vai absorver. Olha-o tranquilo, embora indignado, pois sabe que sem tranquilidade não há verdadeira bondade. Sabe também, na qualidade de *Gêourgos*, que o dragão se deixa dominar por um leve toque de lança, toque tão suave como nos ouvidos da nossa alma obscura a palavra que ilumina.

* * *

Estas linhas que foram ficando para trás são o débil eco das sucessivas leituras, do imenso convívio com os livros de Agostinho da Silva, e com ele próprio, sobretudo durante os anos em que vivi em Brasília, no Centro por ele fundado de Estudos Portugueses. Ali, como ao lado, no Centro de Estudos Clássicos dirigido pelo insigne helenista Eudoro de Sousa, não se era escravo do trabalho. Todos tinham o tempo do seu ócio, uns imaginando com Camões ou com Virgílio, outros procurando compreender a história de Portugal e do Brasil, pelo culto do Espírito Santo, outros como o Teodoro, modesto funcionário daquele Centro, criando a Casa Cultural de Sobradinho.

Era aqui, nos fins de semana, que Agostinho da Silva ensinava aos pobres de espírito, que todos éramos ou pretendíamos ser, o sebastianismo de Portugal e de Canudos ou a fantástica proeza de S. Jorge dominando o Dragão, explicava o sentido da bandeira do Brasil, não pelo positivismo de Augusto Comte, mas como uma manifestação de Kidr o Verde, animando do ouro da madrugada a Ordem e o Progresso.

Num mundo em que o infantilismo anda de mãos dadas com o titanismo, a Ordem confunde-se com o Comando dos Titãs que escravizam ao trabalho, iludindo com jogos e pantomimas as inumeráveis gentes que o Progresso põe *on-line*. Como sempre fazia, Agostinho lançava o paradoxo, ia encontrar liberdade onde se lia ordem e progresso, ligando movimento e contemplação, num raptó metafísico que nos abria as portas do conhecimento no *Clube* do Teodoro, em Sobradinho, cidade satélite de Brasília.

Resumo

O mundo em que vivemos, o mundo como Agostinho da Silva o conheceu, está marcado pelo titanismo (das construções em altura das grandes cidades do mundo, dos vôos de metal cruzando os espaços, da comunicação das palavras e dos números vencendo enormes distâncias, da multidão inumerável dos automóveis etc.) e o infantilismo (patente no modo como os telemóveis, a televisão, os computadores, a *internet*, o futebol se tornam os mais comuns e gozosos entretenimentos da humanidade). Agostinho da Silva perante o espectáculo de um mundo em descida para o abismo continuava excepcionalmente a confiar nos homens e nas mulheres que incitava à valentia, esperança e crença que só o bem poderia estar no fim. Distinguindo-se das posições correntemente tomadas perante a fase actual do evoluir histórico, afirma que tudo depende da decisão do homem, que pode utilizar a tecnologia e a electrónica para ganhar o ócio, que é o pedaço de liberdade que o homem herdou do Paraíso. A sua filosofia poética é um Manifesto Contra o Trabalho.

Palavras-chave: Titanismo; Infantilismo; Vida Poética.

Abstract

The world we live in, the world as Agostinho da Silva knew it, is marked by titanism (as in the massive constructions in the world's big cities, the metallic flights crossing air, the communication of words and numbers conquering huge distances, the innumerable crowd of cars, etc.) and infantilism (evident in the way mobile phones, TV, computers, the internet and soccer have become the most common and enjoyable forms of entertainment for humankind). Agostinho da Silva, looking at the spectacle of a world sinking into an

abyss, continued to trust men and women, who he incited to bravery, hope and belief in that only good could be in the end. Differing from the positions usually taken in the current phase of historical evolution, he states that everything relies on humans' decision, who can use technology and electronics to secure idleness, which is the piece of liberty that humankind inherited from Paradise. His poetic philosophy is a Manifest Against Work.

Keywords: Titanism; Infantilism; Poetic Life.